

*O Espírito da Democracia
não pode ser imposto de fora.
Ele tem que vir de dentro.*

M. GANDHI

Em um campo dividido, no qual uma eterna batalha entre o bem e o mal e entre o puro e o corrupto se desenrola, o saldo final é, invariavelmente, uma terra arrasada, preñe de ervas daninhas e espoliada por vampiros. A defesa do indefensável, os programas de governo que servem a projetos de poder, a seletividade e o enfraquecimento da moral não são novidades, uma vez que a história nacional já assistiu a esse filme inúmeras vezes, e é altamente provável que irá assistir outras vezes mais.

A originalidade do momento atual é a velocidade com que o filme se desenrola, em uma rotação alucinante e num tom farsesco indisfarçável. O roteiro, recheado de crimes, conspirações e discursos baratos, comove o telespectador, que toma partido, sai do sofá, comenta na Internet, bate panelas, assopra apitos e ocupa as ruas. A falta de senso crítico que observamos é gritante, e ela não se resume aos “paneleiros” ou aos “golpistas”, mas se estende à dita “esquerda”, também presa na narrativa do confronto e incapaz de uma autoavaliação.

O contexto brasileiro atual, advindo de uma quebra da ordem democrática e de eleições municipais com ampla vitória conservadora, aponta para uma encruzilhada que se aproxima a passos largos. Ações e pensamentos autoritários começam a ser tolerados com base em olhares binários, intolerâncias de todos os tipos vêm sendo externadas com naturalidade, e a violência vem se tornando moeda de troca nas sociabilidades mais elementares. Isso sem falar em instituições que traem, diariamente, os interesses nacionais. A Democracia se exerce com (e em) respeito ao próximo, a ação política ocorre na coletividade e é sempre intersubjetiva, a liberdade não existe onde não sejam todos iguais em suas diferenças: todas essas premissas precisam ser retomadas, discutidas e compreendidas para que as condições mínimas para o exercício democrático sejam novamente satisfeitas.

Oportunamente, a presente edição traz um dossiê dedicado aos 40 anos de independência da África lusófona. Sua importância transcende o campo historiográfico, tornando-se um lembrete de que a liberdade e a Democracia não são dádivas garantidas nem condições inerentes à sociedade, mas conquistas que precisam ser resguardadas, defendidas e sobre as quais precisamos cuidadosa e permanentemente refletir. A Democracia é uma ideologia que começa em nós mesmos, e seu exercício precisa ser uma militância constante.

O dossiê *40 anos de independência em África*, organizado pelo doutor Augusto Nascimento, investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa, e pelo doutor Marcelo Bittencourt, professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, alcançou uma repercussão significativa com várias submissões de pesquisadores especializados na área. Após as avaliações, houve a decisão editorial pelos oito artigos que compreendem os cinco processos de descolonização (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

Ainda no dossiê temático, apresentamos duas entrevistas. A primeira com David Birmingham, um dos maiores pesquisadores de História da África portuguesa, em especial sobre Angola, e que possui passagens pela London School of Oriental and African Studies, University of Kent, China, Califórnia, Tanzânia, Congo e Camarões. A segunda entrevista foi realizada com o cineasta gaúcho Licínio Azevedo, que vive desde 1975 em Moçambique e é, sem dúvida, um dos grandes nomes da cultura daquele país. Completando o dossiê, apresentamos a resenha de um lançamento português, *O adeus ao Império – 40 anos de descolonização portuguesa*¹.

Dedicamos um agradecimento especial à Fundação Mário Soares, que gentilmente cedeu a imagem que ilustra a capa da atual edição: o Encontro de Chefes de Estado dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), representado por Samora Machel (Moçambique), Aristides Pereira (Cabo Verde), Agostinho Neto (Angola), Manuel Pinto da Costa (São Tomé e Príncipe) e Luís Cabral (Guiné-Bissau).

Com a nova proposta editorial, houve a decisão pela manutenção da “Seção Livre” como espaço definitivo, priorizando novos estudos e reflexões de impacto na historiografia e permitindo ao leitor agilidade no conhecimento dos resultados acadêmicos. Nesse espaço, apresentamos

¹ ROSAS, Fernando; MACHAQUEIRO, Mário; OLIVEIRA, Pedro Aires (Orgs.) *O adeus ao Império – 40 anos de descolonização portuguesa*. Lisboa: Nova Vega, 2015.

oito artigos dos mais diversos temas, além da resenha de um livro publicado recentemente pelo investigador português António Costa Pinto².

Assim como as demais edições, a variedade institucional permanece uma marca da revista. O número é composto por artigos de pesquisadores das seguintes instituições acadêmicas: King's College London, University of Minnesota, Universidade Alberto Hurtado, Universidade Nova de Lisboa, Universidad Pública de Navarra, Universidade Católica Portuguesa, Universidade do Minho, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Regional de Blumenau, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade de Brasília, Universidade Federal Fluminense e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

O ano que termina foi desafiador. Com a ousada modificação editorial, a dinâmica interna da revista se alterou de forma significativa. Entretanto, com o apoio do setor de periódicos da EDIPUCRS e da equipe editorial, a qualidade foi mantida e a nossa tradição como única revista temática do Brasil que privilegia o espaço ibero-americano foi mais uma vez consolidada. Ressaltamos o importante apoio do CNPq, que, através do Edital 24/2015 de apoio à editoração, concedeu recursos para ampliarmos nossas atividades.

Com a estrutura estabelecida, a equipe editorial organizou uma agenda³ de publicação. Convidamos, portanto, os leitores a acessarem essa agenda para conferir as informações das próximas chamadas de dossiês: *Atores e trajetórias do campo indigenista nas Américas* (2017/1), *História, cotidiano e memória social: a vida comum sob as ditaduras no século XX* (2017/2), *Amor mundi – atualidade e recepção de Hannah Arendt* (2017/3), *Fotografia, cultura visual e história* (2018/1), *30 anos da “Constituição cidadã”: perspectivas da História e da Ciência Política* (2018/2), *Cores, classificações e categorias sociais: os africanos nos impérios ibéricos, séculos XVI a XIX* (2018/3), além da abertura permanente da “Seção Livre” e “Resenhas”⁴.

² Publicação brasileira: PINTO, António Costa. *Os Camisas-Azuis: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal*. Porto Alegre; Recife: EDIPUCRS; EDUPE, 2016. Publicação portuguesa: PINTO, António Costa. *Os Camisas Azuis e Salazar: Rolão Preto e o Fascismo em Portugal*. Lisboa: Edições 70, 2015.

³ Cf.: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/iberoamericana/announcement>>.

⁴ Informações em nossa página no Facebook: <<https://www.facebook.com/EstudosIberoAmericanos/>> e no twitter <<https://twitter.com/revistaEIA>>.

Destacamos ainda o belíssimo trabalho editorial que está sendo conduzido pelos bolsistas de Iniciação Científica no processo de digitalização das versões impressas. A revista *Estudos Ibero-Americanos* foi criada em 1975, mas apenas em 2004 iniciou sua divulgação por meio da versão digital. Já há uma quantidade significativa de edições disponíveis em nosso site, e a previsão é que até o início de 2017 a totalidade esteja concluída⁵.

Sendo esta a última edição de 2016, fazemos um especial agradecimento aos 109 pareceristas que atuaram voluntariamente na apreciação dos artigos recebidos pela revista no decorrer deste ano.

Desejamos ótimas reflexões e uma boa leitura a todos!

Leandro Pereira Gonçalves
Editor

Vinícius Liebel
Editor assistente

⁵ Cf.: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/iberoamericana/issue/archive>>